

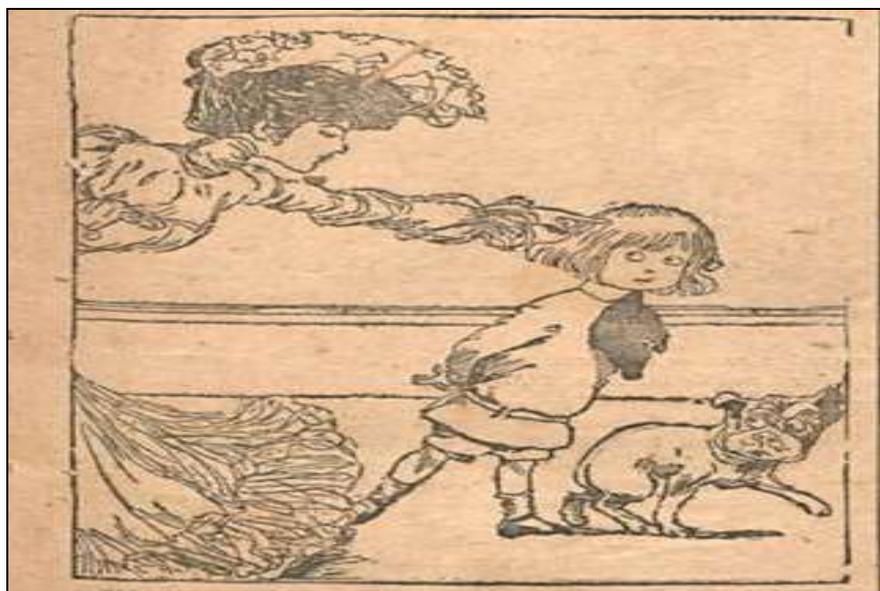
# PARA A *PETIZADA INNOCENTE*: ENCANTO, DIVERSÃO E LIÇÕES DE CONDUTA NA REVISTA *O TICO-TICO* (1905-1910)

Cíntia Borges de Almeida<sup>(\*)</sup>  
Aline Santos Costa<sup>(\*\*)</sup>

## INTRODUÇÃO

Com a missão de “divertir, estimular e ser útil às petizadas do Brasil”, o “jornal das crianças” de 17 de janeiro de 1906 preenchia suas páginas com uma “explicação pessoal” sobre a ausência da historinha envolvendo seu personagem Chiquinho no exemplar da semana anterior. Em resposta aos inúmeros leitores que escreveram pedindo esclarecimento pela falha, a redação se retratou por meio de uma “deliciosa” história do personagem:

Figura 1 – Imagem utilizada no *O Tico-Tico* para retratar o sumiço de Chiquinho:



Fonte: *O Tico-Tico*, 17/01/1906, p.05.

Juntamente à imagem, a publicação apresenta o diálogo entre mãe e filho.

Chiquinho – Ora mamãe, então logo hoje eu não saio?

<sup>(\*)</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, integrante da linha de pesquisa “Instituições, Práticas Educativas e História”/ bolsista CAPES. E-mail: cintiaborgesalmeida@yahoo.com.br

<sup>(\*\*)</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, integrante da linha de pesquisa “Instituições, Práticas Educativas e História”. E-mail: Aline.s.costa.hist@gmail.com

---

Mamãe – Não. Você está tão levado da breca que até pode ser um mau exemplo aos leitores d'O Tico-Tico. No número passado você chegou a esborrachar a cara do copeiro. Hoje fica em casa de castigo (...) (O TICO-TICO, 17/01/1906, p.5).

A interferência do leitor, a retratação do autor, bem como a participação dos personagens na vida das crianças e vice-versa mostram-nos uma nova configuração da imprensa. Não analisaremos a imprensa entendendo-a apenas como aliada do governo ou cumprindo uma função estritamente política, tal como funcionava em meados do século XIX. Por esse novo viés, estamos compreendendo-a a partir de sua evolução proposta pelo período republicano, de modo que ela deixe de exercer “o órgão oficial, função homogênea” e opere, com “o desenvolvimento da imprensa particular”, cristalizando “o seu feitio típico de variedade de gênero” (...). Analisaremos a imprensa “moderna”, com seus “potentíssimos aparelhos orgânicos de informação quotidiana, omnipresente e cabal”, destinada a criar relações com seus leitores, “noticiária, commercial, litterária, crítica, aberta aos annuncios, folhetins, poesias” (BELLO, 1908, p.151). Destacamos, também, o nosso objetivo em pesquisar *O Tico-Tico* a partir do seu cunho social, refletindo acerca dos discursos ali registrados em torno da “diversão e do encantamento de seus leitores”, ainda que as notícias, diferente do lema afirmado, nos permitam entender uma preocupação civilizatória em suas páginas.

A revista *O Tico-Tico* configura-se como um instrumento para se pensar a expansão da imprensa, a modernização dos meios de comunicação e as estratégias para se divulgar ideias e projetos de sociedade, mais do que “simplesmente noticiar um desejo oficial”. Sem, necessariamente, subordinar-se aos interesses do governo, a redação e a administração dos jornais do início do período republicano, expandiam seus interesses e cumpriam variadas funções, formando um “jornal moderno e mais aprimorado” (IDEM, 1908, p.151).

Ainda em meados do século XIX, com a crescente valorização da cultura impressa, os periódicos passam a cumprir um papel significativo na formação de leitores brasileiros. Assim como os livros alcançam lugar privilegiado e preferência nos círculos letrados, o jornal e as revistas cooptam a atenção de diversas camadas sociais mediante narrativas plurais, mais sintetizadas, possibilitando leitura de modo “extensivo”, por meio da qual o leitor lê mais textos e consegue atingir um maior número de informações em um menor espaço de tempo. A popularização da palavra impressa foi ampliada, apesar dos elevados índices de analfabetismo<sup>1</sup>. Ao contrário disso, é

---

<sup>1</sup> De acordo com Manoel Bonfim em discurso pronunciado para as professoras da Escola Normal em 1902, 90% da população brasileira se tratava de analfabetos (ESCOLA NORMAL, 1904, p.59-60). Dados alarmantes quanto esses podem ser observados no jornal mineiro ao alertar que “a instrução, quase na totalidade de seus estados, póde se dizer: é nulla” (CORREIO DE MINAS, 08/11/1906, p.01). Tão grave quanto o panorama da instrução brasileira, consistia a

---

possível observar diferentes veículos impressos cumprindo o papel alfabetizador. Não se trata de processos de alfabetização que substituam o lugar da escola, mas, cumprindo um papel, ainda que informal, no processo educacional da sociedade. Com *O Tico-Tico* não será diferente.

### O TICO-TICO E SUA PRÁTICA SOCIAL

Criado em 05 de outubro de 1905<sup>2</sup>, a primeira edição de *O Tico-Tico* disponível na Fundação Biblioteca Nacional data de 22 de novembro de 1905. A partir dela, analisaremos as intenções dos editores e autores das notícias do impresso e refletiremos sobre as representações feitas pelos leitores a partir da correspondência dirigida à publicação, em forma de pedidos, agradecimentos, poemas, participação em concursos, dentre outros instrumentos que nos permitem compreender suas leituras.

Na edição 0001, encontramos alguns indícios que nos apontam para seus fundadores, sua materialidade, levando-nos, também, aos seus objetivos revelados: “divertir, estimular e ser útil às petizadas”. No cabeçalho da revista temos, de antemão, o seu público alvo: “jornal das crianças”; bem como a data de distribuição semanal (quartas-feiras). No rodapé, localizamos o jornal *O Malho* como responsável por sua redação e administração, acompanhado da informação de número de tiragem (27.000 exemplares semanais) e o valor de venda do número avulso (200\$ réis).

Esses pontos permitem levantarmos indícios sobre a circulação da revista e seu alcance. Quem seria o seu público alvo? “Um jornal feito para crianças”, mas comprado por adultos, nos leva a pensar sobre seu objetivo. Como os pais avaliariam o conteúdo da revista se não o lessem a priori? E o que podemos inferir a partir da sua associação com *O Malho*?

Os questionamentos nos servem para indagar sobre os objetivos de diversão, encantamento e serviço de utilidade ao leitor. Em notícia publicada em *O Tico-Tico* de novembro de 1905, seus redatores reforçam a informação da participação da empresa de *O Malho* na publicação do jornal para crianças, endossando a colaboração de escritores e artistas “de nomeada” em sua execução<sup>3</sup> (O

---

situação do Distrito Federal. Em 11 de maio de 1915, o jornal *O Imparcial* afirmava em uma de suas matérias que “a capital, em 1913, com uma população em torno de 1.200.000 habitantes e 63.997 alunos de ambos os sexos, tinha uma população escolar equivalente a 5%” (*O IMPARCIAL*, 11/05/1915, p.3).

<sup>2</sup> A data de criação da revista *O Tico-Tico* encontra-se divulgada no Cinquentenário de *O Tico-Tico*, retrospecto da vida de *O Tico-Tico*, da sua fundação até os nossos dias. Noticiário e homenagens diversas a tradicional publicação. Rio de Janeiro: Sociedade Anonyma *O Malho*, 1956.

<sup>3</sup> Luiz Bartolomeu de Souza e Silva, proprietário de *O Malho*, recebeu ajuda de alguns intelectuais na concepção de *O Tico-Tico*: Manoel Bonfim, Renato de Castro e Cardoso Jr., estiveram ao seu lado na criação do periódico que se tornaria referência na imprensa brasileira. Além deles, “um grande número de cartunistas já conhecidos pelo trabalho

---

TICO-TICO, 22/11/1905, p.03). A fim de “instruir e deliciar as crianças”, os redatores enfatizam que os marmanjos já possuem seus jornais, sendo este “exclusivamente para os pequeninos, os inocentes, os simples” (IDEM, p.03). No entanto, quem se preocuparia com a participação de sujeitos de prestígio e “nomeada”? Uma criança estaria interessada na assinatura de um autor? Acreditamos que tais preocupações são provenientes dos seus responsáveis, que, ao comprarem a revista, estão interessados em oferecer uma formação satisfatória para seus filhos. Trata-se, pois, de discursos endereçados aos pais, aos adultos.

Como seria essa formação? Podemos pensar em boa e má formação a partir de quais elementos? Em termos de leitura, a “boa” leitura dizia respeito ao conteúdo que estava adequado propriamente aos interesses de uma sociedade - uma preocupação com a formação da nação civilizada, ordeira, moderna, escolarizada -, que se estendia além do indivíduo.

Em seu programa, *O Malho* se propunha a, como seu próprio nome indica, “destruir a praxe”. “Tudo que passar a seu alcance será a bigorna” (O MALHO, 20/09/1902, p.04). Em prol de cumprir “um bem social”, o jornal “concorria eficazmente para o melhoramento da raça humana (...). Pondo em contribuição ao desenvolvimento do riso, temos prestado ao homem serviço” (IDEM, p.04), oferecendo informação com audácia, alegria, mordacidade e irreverência, ainda que seja “às custas de todos” (O MALHO, 20/09/1902, p.04). A educação foi uma das pautas debatidas no jornal<sup>4</sup>.

O processo de escolarização e de formação social fazia parte do projeto de modernização pensado por vários intelectuais nas primeiras décadas republicanas. Com a criação da revista *O Tico-Tico*, abria-se mais uma possibilidade de disseminação das ideias desses agentes sociais que atuavam na imprensa. Veja-se o conto “Nina”, à guisa de esclarecimento:

Nina dispuzera-se a ensinar a ler ao seu Petit (...).

A um canto da sala de jantar installara a escola, pondo o Petit sobre uma cadeira de braços e deante d'elle uma carta de a, b, c, a mesma em que ella própria, iniciava os seus estudos.

A mamãe, ao princípio, quis demover a menina do seu intuito.

Que? Nina, uma moça educada, da sociedade, podia lá ter um cão estúpido? Havia de educa-lo também, de ensina-lo, de dar-lhe o maior preparo scientifico litterario possível.

---

em *O Malho* e em outras revistas ilustradas da época – Ângelo Agostini, J. Carlos, Leônidas, Kalixto – participaram ativamente em *O Tico-Tico*” (GONÇALVES, 2011, p.15).

<sup>4</sup> Ver as notícias: 20/09/1902, p.3-4; 3/01/1903, p.4; 24/01/1903, p.9; 12/05/1906, p.4; 16/06/1906, p.12; dentre outras.

---

E poz-se à obra (...) Docilmente, Petit ia-se sujeitando ás imposições da menina, suportando as suas impertinências (...)

Houve um momento em que Nina teve de deixar o discípulo sozinho na aula. Ao voltar, encontrou-o sentado noutra cadeira (...). A menina ia zangar-se, mas teve uma ideia que a comoveu. Pensou que o pobrezinho estava, talvez, fazendo algumas reflexões. Exclamou:

Coitado!

Também eu, me nego, quando penso que tenho de aprender tudo aquilo, fico triste às vezes... mas depois me animo e alegre pensando na importância que a instrução dá a gente! (O TICO-TICO, 03/04/1906, p.03).

Essa história publicada em *O Tico-Tico* permite-nos inferir algumas representações possíveis de serem feitas a partir de seu texto. Nina, a aluna educada e da sociedade, nos transmite a ideia do valor moral e da conduta que se queria construir entre as crianças. O destaque para a necessidade de “um maior preparo científico litterário” possibilita refletirmos sobre o papel da educação na sociedade. Nessa direção, qual era a função de *O Tico-Tico*, ao disseminar a importância da escola? Pensamos que essa resposta perpassa pelo entendimento dos jornais como um mecanismo de propagação de ideias em torno de ensinamentos de boa conduta, civilidade e “adequação” social.

### ***O TICO-TICO E O PAPEL DA LEITURA: DIVERSÃO OU FORMAÇÃO SOCIAL?***

São fortes as evidências sobre as influências de ideias propostas pelos articulistas das publicações *O Malho* e *O Tico-Tico*. No entanto, elas não aparecem apartadas das apropriações e dos modos de leitura que o público da revista *O Tico-Tico* faziam dela. A título de exemplo, segue a poesia do menino Djalma Assis de Andrade enviado para a redação da revista:

Mãe  
Quem nas horas de tristezas,  
Nos vem sempre acalantar,  
Com um sorriso de anjo,  
Que ninguém sabe imitar?  
Quem nos ensina a ser bons,  
Para com a humanidade?  
Quem nos ensina a falar,

---

Desde nossa tenra idade?

É a mai, este ser sublime,

Que devemos sempre amar,

Si quisermos ser felizes,

Neste mundo de penar (O TICO-TICO, 12/09/1906, p.13).

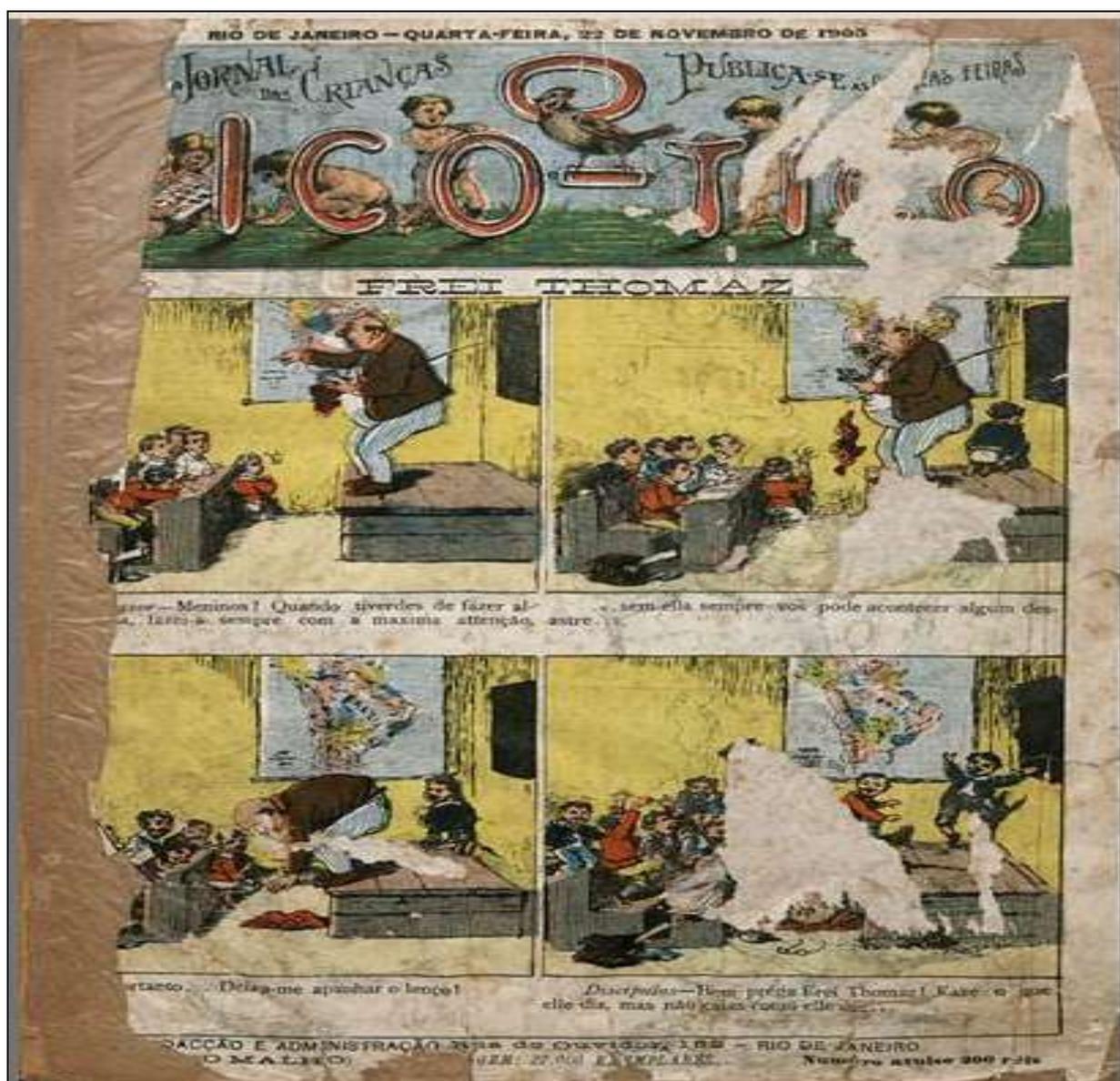
A “doce poesia” enviada para a publicação nos aponta para uma preocupação recorrente entre a sociedade republicana: o amor pela família. Entretanto, esse valor não é o único que podemos notar a partir do texto do leitor Djalma. Convicções religiosas, educacionais e de bondade também podem ser observadas na poesia. Em seu desfecho, outra pista nos é transmitida a partir do termo “penar”. O leitor, ao mencionar penalizações do mundo, nos sugere ter se apropriado de conhecimentos acerca de práticas sociais, que, ao serem transgredidas, acarretam punições, penalizações por seus descumprimentos.

Esse tipo de apropriação, possivelmente, não era desconhecido pelos articulistas. Pelo contrário, a nosso ver, fazia parte dos objetivos velados da publicação. Eles, para fazerem circular o impresso, convocavam, inclusive, a participação dos seus leitores e até mesmo solicitavam suas opiniões e críticas. Talvez, uma estratégia para se aproximar desses e auferir recepções e simpatias.

Acreditamos, portanto, que o ato de ler, seja mais do que uma “habilidade”. Trata-se de um “conjunto de condições histórico-sociais variáveis” (DARNTON, 1992, p. 218). Diante disso, percebe-se que a leitura não é estática, muito menos passiva. Consiste em um movimento de perspectivas, não linear, não podendo ser “ingênua, pré cultural, longe de qualquer referência exterior a ela; pois ler é dar sentido de conjunto” (GOULEMOT, 1996, p.107). Assim, seguimos nosso exame para algumas colunas que podem nos revelar outros indícios sobre representações nesse tipo de impresso.

Após a capa, a primeira matéria encontrada em *O Tico-Tico* registra histórias em quadrinhos, muito bem ilustradas, com cores fortes e desenhos marcantes, acompanhadas de textos curtos e frases simples. Em sua edição 0001 a história do personagem Frei Thomaz ocupa a primeira página, de modo a chamar a atenção dos leitores da publicação. Apesar de a revista apresentar-se deteriorada, é possível observarmos os recursos utilizados pelos editores, gráficos, impressores, que servem para expressar a qualidade do material gráfico publicado e em circulação no começo do século XX. Tais elementos contribuem para verificarmos os investimentos editoriais e discursivos de *O Tico-Tico* e sua capacidade de atrair o público-leitor pretendido.

FIGURA 2 - Primeira matéria encontrada no periódico *O Tico-Tico*:



Fonte: *O Tico-Tico*, 22 de novembro de 1905.

A história de Frei Thomaz descreve uma situação rotineira de uma sala de aula do início do período republicano. O professor, em uma posição privilegiada e em destaque, dá uma lição para seus alunos sobre a importância de ter atenção durante suas ações. No entanto, o quadrinho apresenta uma cena inusitada na qual o professor expõe suas ideias e, logo em seguida, leva um tombo, permitindo que seus alunos interpretassem o acontecimento como uma incoerência entre discurso e prática. Além da lição que a história claramente veicula, o material examinado sugere índices subliminares não ditos pelos autores, os quais, também, transmitem informações significativas. Observem que há uma criança de castigo no tablado mais elevado onde se localiza o professor. Assim como o professor se encontra em destaque, a criança também se localiza nesse mesmo lugar, porém, ajoelhada e de costas para os outros alunos. A cena ilustrada na publicação

---

passa a mensagem acerca da disciplina e das punições para aqueles que desobedecessem as regras e não seguissem os comportamentos impostos naquele ambiente. Os autores Júlia Varela e Alvarez-Uria nos indicam vestígios sobre o processo de transformação proposto pelas instituições disciplinadoras e, ainda, os demais mecanismos de formação educacional. A educação assume o papel de fabricar sujeitos instruídos e cultos, mas também tem a função de “inculcar-lhe a virtude da obediência, modelando comportamentos (VARELA & ALVAREZ-URIA, 1992, p.13). Assim, quaisquer que fossem os meios de transmissão de cultura, seus agentes deveriam atuar mais como um agente disseminador de uma mentalidade moralizante que como um difusor de conhecimento” (VILLELA, 2000, p.126).

Apesar de entendermos o impresso como um meio de transmissão de cultura e do projeto de sociedade mencionado anteriormente, no que diz respeito à materialidade, vale destacar o suporte oferecido para seu público. A aparência leve, colorida e divertida da revista pode ser considerada um mecanismo para atrair a atenção dos leitores, o que, a nosso ver, contribui para o processo de aquisição de leitura almejado. As imagens associadas aos pequenos textos escritos nas matérias proporcionavam aos leitores da revista *O Tico-Tico* não somente momentos de diversão. Ainda que este fosse o elemento mais perceptível, a associação das ilustrações e das pequenas frases possibilitava também um maior entendimento do texto. Logo, há uma interferência na produção de sentidos por parte dos leitores em formação.

De modo “divertido”, conforme os exemplos analisados indicam, as crianças recebiam as mensagens transmitidas pelos autores, agregando encantamento, aprendizado e valores morais. Alessandra El Far (2006) nos sugere que as imagens podem retratar mais impacto às cenas. Examinando seus usos nos jornais, a pesquisadora ressalta que a imagem facilita o exercício da leitura, deixando o texto mais leve e prazeroso. A autora informa ainda que a fotografia chegou na virada do século XIX para o século XX e sua inserção se deu, em um primeiro momento, de maneira tímida. Não demorou muito, porém, para que ela passasse a fazer parte das notícias de destaque nos periódicos. Era a maneira que os editores encontravam, com vistas a oferecer uma pequena pausa aos seus leitores em meio a uma profusão de textos. A nosso ver, significou mais do que isso. As imagens seriam instrumentos facilitadores e componentes indispensáveis na formação dos leitores, na medida em que poderiam favorecer a interpretação da linguagem verbal.

A formação do leitor analisada a partir das matérias de *O Tico-Tico* deve ser entendida, pois, no contexto da primeira República e de um projeto de nação que se intentava colocar em prática. Assim sendo, a transmissão das histórias não se dava de maneira desinteressada ou aleatória. Tampouco, podemos pensar que isso também acontecesse com seus receptores.

---

Ler, envolver-se, participar de atividades lúdicas propostas pelo periódico demonstram a complexidade que envolve o processo de leitura e a produção de sentidos pretendida. O ato de ler é complexo, pois, por meio dele, estabelecemos relações entre o texto e o contexto, entre palavra e mundo. A leitura é uma prática social e uma maneira de mediação com a vida. Partindo desse pressuposto, entendemos que:

(...) a vida em sociedade requer inúmeras e imprevisíveis ações dos sujeitos leitores: ler para nos informarmos das notícias diárias, para exercer atividades rotineiras como tomar um ônibus, escolher direções da cidade; também para entretenimento, para acompanhar a charge do jornal diário, os quadrinhos ou as colunas sociais e notícias que, com frequência utilizam a piada a ironia, de modo a colocar pelo avesso a realidade circundante (SILVA & MARTINS, 2010, p.09).

Como os leitores colocam pelo avesso essa realidade? Acreditamos que a resposta esteja em suas práticas de leitura. Configura-se, desse modo, o avesso a partir das formas de apropriação por eles inventadas (SILVA, 2011).

Merece nota o fato de que o público-leitor não adote atitude passiva na recepção do “jornal da criança”. Na coluna *Gaiola de O Tico-Tico*, por exemplo, há um contato direto entre autor e leitor. As crianças leitoras da publicação utilizam desse espaço para se inserirem na trama do periódico. Dão suas opiniões, mandam cartas, escrevem poemas, e, ainda, expõem suas impressões acerca das histórias e dos personagens.

Na *Gaiola* de 19 de setembro de 1906, publicava-se o poema escrito pelo correspondente João Galero de Pelotas (RS), que se dirigia a um dos principais personagens encontrado nas historinhas da publicação: o menino Chiquinho. Sempre noticiado em uma história repleta de travessuras, peraltices, seguidas por uma correção física, disciplinar ou moral. Entretanto, como João se apropria da imagem de Chiquinho? Para observação mais acurada dessa relação, destacamos os versos a seguir:

Chiquinho, tu és travesso,

Porém um bom estudante

A se julgar pelo número

De livros na tua estante.

Chiquinho, pelo retrato,

Pequeno, como tu és.

Para chegares a meza

---

Corta-lhes os pés (O TICO-TICO, 19/09/1906, p.11).

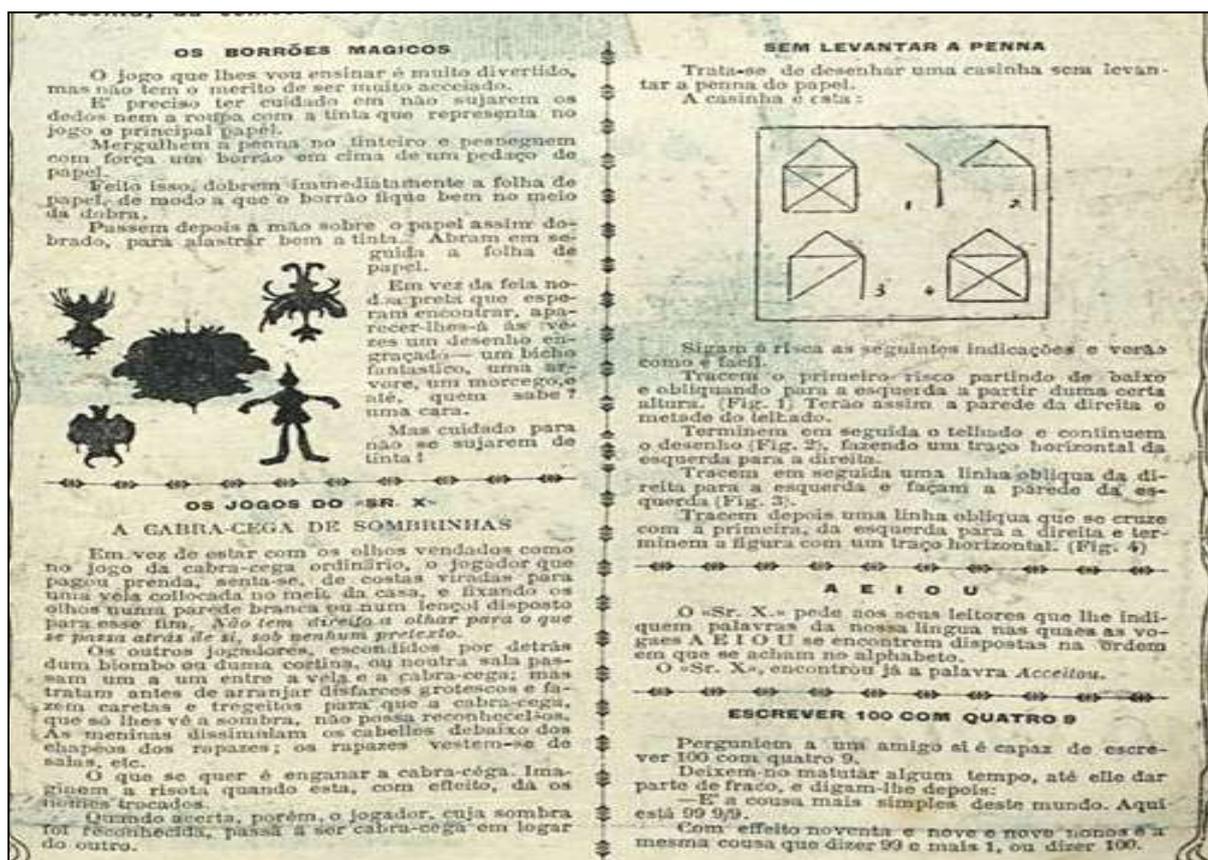
O poema de João indica o modo como ele percebe o personagem. Não negando a principal característica de Chiquinho, o leitor argumenta que o menino é travesso. Porém, atribui, em acréscimo, valores sociais esperados e desejados em uma criança no período examinado. Note-se que Chiquinho é peralta e “um bom estudante”. Apesar das notícias em *O Tico-Tico* construírem um estereótipo específico para o personagem, as fotografias e as imagens associadas às histórias de Chiquinho possibilitaram ao leitor uma nova visão, outra mensagem. João conseguiu identificar outra característica a partir dos suportes oferecidos pelo autor. As cenas em que Chiquinho estava na escola e os enredos que apresentavam o menino com livros em sua casa contribuíram para o leitor formar sua opinião sobre o personagem, ultrapassando a transmissão do autor.

Para Roger Chartier, a leitura “é sempre apropriação, invenção e produção de significados” (CHARTIER, 1999, p. 77) e toda a história da leitura deve supor, desde o princípio, que o leitor tem a liberdade de deslocar e subverter o que o texto, de forma geral, pretende lhe impor.

Em diálogo também com Certeau, o que se pretende é justamente romper com o postulado clássico advindo da história social que coloca a imposição do sentido e o poder ideológico no texto, quase como verdades axiomáticas no tocante à leitura, consagrando aos autores a onipotência sobre todo o processo do ler e do escrever. Para este autor, a presença e a circulação de uma representação não indicam, de modo algum, o que ela é para seus usuários. É ainda necessário analisar “a sua manipulação pelos praticantes que não a fabricaram” (CERTEAU, 1994, p. 40). Ou seja, Chiquinho não é o mesmo para seus autores e para João. O leitor observa o personagem como levado, mas, também, estudioso. A revista reforça as peraltices de Chiquinho e sugere penalizações por sua conduta “inadequada”. A consideração exposta permite pensarmos signos atribuídos à leitura de João. Ele compreende a mensagem de indisciplina transmitida pelo jornal. Entretanto, também acrescenta uma nova representação do personagem a partir do seu olhar.

Em janeiro de 1907, a redação d’*O Tico-Tico* lançava a coluna *O Sr. X e sua página* cumprimentando seus “leitorzinhos”, a fim de alcançar “a sympathia e o favor do seu amável público”; nela, o articulista solicitava a exposição de “habilidades, caricaturas, anedotas, adivinhações, enigmas, jogos e brincadeiras” (O TICO-TICO, 09/01/1907, p.11).

FIGURA 3: Coluna O Sr. X e a sua página



Fonte: O Tico-Tico, 09/01/1907, p.11.

Por meio dos desafios aos leitores, os articulistas não somente conseguiam interferir na aprendizagem das crianças, mas, também, convidavam-nas para que continuassem a ler os próximos exemplares, aguardando as respostas das questões. Ao convocar a participação delas, a redação estabelecia a relação autor-leitor, estimulava novos leitores e usava desse artifício, para vender mais jornais. Consequentemente, deviam aumentar a circulação, disseminando seu interesse na formação social.

As estratégias obedecem a um balanço de relação de forças empreendido por um sujeito que detém algum tipo de poder e que “postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e, portanto, capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta” (CERTEAU, 1994, p. 46), visando, assim, produzir, mapear e impor adágios, opiniões em torno de uma influência que se almeja inculcar.

Não obstante as estratégias possíveis desenvolvidas a partir da escrita de um autor, há, também, uma relação não menos significativa entre as palavras escritas e as inimagináveis formas de leitura e interpretação de uma história. A intensidade de um texto surge quando os olhos fazem contato com as marcas da escrita. Nos mais variados suportes, um texto pode ser considerado

---

incompleto sem a existência do leitor. A escrita faz do escritor um inventor de mensagens, ou, até mesmo, um criador de signos. Isso serve para refletirmos sobre a escrita e as intencionalidades de seu autor, porém, leva-nos a pensar que os textos, os signos ou mensagens, precisam ter alguém que os decifrem, que lhes dê voz.

Outra estratégia notável por parte dos articulistas dizia respeito à publicação das fotos e correspondência de seus leitores. Essa veiculação não acontecia por acaso. Pensamos haver uma intencionalidade a mais na ação, uma vez que tal fato pode sugerir uma sensação de vínculo, de compromisso e, até mesmo, de familiaridade entre autor e leitor. Tratava-se de práticas recorrentes no periódico que poderiam produzir efeitos na recepção e na apropriação por parte das crianças e de seus responsáveis.

A constatação pode ser corroborada a partir das participações em concursos promovidos pela revista. No concurso de Natal “Que é o que o menino ou a menina mais desejam no novo ano de 1906”, 556 leitores enviaram a resposta para a questão solicitada (O TICO-TICO, 03/01/1906, p.8). Esse número ampliou-se para mais de 960 participantes no concurso n.24 “que pedia aos leitores para escreverem demonstrando o seu sentimento profundo pela dolorosa tragédia da explosão daquele coraçado brasileiro”, pouco tempo depois (O TICO-TICO, 21/02/1906). Nesse último concurso, foram premiados 41 “bravas petizadas”, enquanto no concurso n.169 “Proclamação da República”, de 20 de novembro de 1907 foram premiados 123 acertadores do concurso (IDEM, 20/11/1907, p.12).

É expressivo o aumento de participações, mas, também, a necessidade do “jornal da criança” ter que divulgar o nome dos envolvidos e dos ganhadores. Esses aspectos levam-nos a inferir duas questões: a divulgação feita pela publicação em prol de atrair seus leitores, e, ainda, a participação dos leitores para inserirem-se ativamente no processo de leitura no qual eles são peça fundamental.

Este processo, a propósito, merece uma maior reflexão. Roger Chartier, ao descrever a noção de “apropriação”, no sentido da abordagem cara à história cultural, propõe “uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais”. O autor compreende que a história deveria se dirigir “(...) às práticas que, pluralmente, contraditoriamente, dão significado ao mundo” (CHARTIER, 1990, p. 28-29), orientando, assim, nossa análise para as múltiplas interpretações, próprias das práticas culturais e sociais que também são diversas e instáveis.

---

## E OS LEITORES SE TORNAM AUTORES...

Ao longo desses cinco primeiros anos, *O Tico-Tico* publicou, na seção intitulada *Senhor X*, diversos contos produzidos por seus leitores. Por meio do exame, é possível vislumbrar as vozes desses leitores, bem como perceber o tipo de literatura que fazia parte da formação dessas crianças e desses jovens. Em geral, as crianças desses contos são sempre obedientes aos adultos, bondosas, gentis e estudiosas. Os personagens que destoam destes predicativos sofrem, em geral, algum tipo de punição ou lição de moral.

Podemos observar essas características no intitulado “Exemplo Maternal”, assinado pelo leitor Romeu de Lima Leal, de 10 anos de Idade (*O TICO-TICO*, 03/03/1909, p.10). O conto é pequeno, desenvolvido em algumas poucas linhas. Conta a história de um menino e sua mãe, que viviam em uma cabana pobre, após a morte do pai. Contudo, apesar de pobres, os personagens são descritos como felizes, uma vez que o mais importante era o amor da mãe para com seu filho. Certo dia, a fortuna bate à porta do casebre:

(...) Uma vez, casualmente, a fortuna entrou-lhe pela porta e disse, em tom irônico e zombeteiro: um filho bom e dedicado não deve viver na escuridão. Anda, partamos, abandone a Tuma mãe, luta pela vida e verás como em breve serás um pachá!

- Eu? Abandonar minha choupana singela para habitar em palácios e deixar isolado o meu anjo tutelar, isso nunca! Siga o teu caminho tortuoso e estreito, que a felicidade não consiste em castelos de mármore dourados, não! Enganas-te! A felicidade é a paz, é o amor sublime que devemos ter aos nossos pais!! E hoje, quando passamos n'esse recanto e ouvimos o dobrar tristonho do sino da igreja, vimos aquele par ditoso caminhando alegremente, de mãos dadas, subir os degraus da capela para invocar à Virgem suas perpetuas felicidades!!! (*O TICO-TICO*, 03/03/1909, p. 10)

Nesse trecho do conto, é possível observar que, para o personagem, o importante era o sentimento de amor familiar, pois dele derivava a felicidade. O personagem (descrito como bom filho) tem no amor pela mãe sua plena felicidade. Este não é o único conto no qual o amor pelos familiares (em geral, a família apresentada é a nuclear burguesa, mãe, pai e filhos), aparece acima dos interesses pessoais.

Alguns contos escritos para a mesma seção possuem características semelhantes. Outro exemplo, que vale ressaltar, é o escrito por E. Wanderley, intitulado “Amor Filial”. No conto, o personagem Agostinho, um menino pobre, recebe a medalha de melhor aluno do ano (*O TICO-TICO*, 12/01/1910, p.18). Todavia, tendo a mãe doente, a criança tenta penhorar sua medalha para comprar os remédios de que sua mãe, adoentada, necessita. Após algumas dificuldades, o menino

---

não só consegue o dinheiro para o remédio, como também fica com sua medalha, como recompensa por sua abnegação.

Em estudo sobre a história da Literatura Infantil brasileira, Lajolo e Zilberman trazem uma análise do contexto da literatura infantil nos anos iniciais do século XX. Segundo as autoras, esses primeiros anos de República foram marcados por projetos que visavam formar os novos cidadãos. Desta feita, concomitante com a ampliação das escolas públicas, houve a necessidade de criar materiais que pudessem ajudar no processo de formação dessas crianças e jovens (ZILBERMAN & LAJOLO, 2009, p. 21).

Os livros escritos neste período (1900 – 1920) caracterizam-se por preocupações explícita ou implicitamente pedagógicas. Seja por apresentar histórias com crianças de comportamento exemplar (exaltando a obediência aos adultos, sentimentos valorizados como caridade, amizade, justiça) ou, ainda, por apresentar textos com linguagem formal, semelhante à aprendida nas escolas. Essas representações de infância estavam relacionadas a um projeto político-social mais amplo, cujo objetivo era formar os futuros cidadãos. Deste modo, estes livros, em sua maioria, eram lidos por crianças e jovens e veiculavam determinadas representações sobre uma infância que “deveria ser”. O amor à família e à pátria, a prática de boas ações e, sobretudo, o sacrifício dos interesses pessoais pelo coletivo eram preocupações recorrentes. De modo velado ou não, os livros dedicados às crianças, nesse período, parecem empenhados em prepará-las, desde a tenra idade, para a vida adulta. Por isso, não é incomum que em livros de literatura infantil com apelação nacionalista, tal como *Através do Brasil* (1910), de Olavo Bilac e Manuel de Bonfim, e *Contos Pátrios* (1904), de Olavo Bilac e Coelho Neto, apareçam personagens na fase da infância, que, a partir dos 11 ou 12 anos, adquirem comportamento atribuído socialmente aos adultos, como a preocupação com o trabalho e com a família (ZILBERMAN & LAJOLO, 2009, p.30).

Vale ressaltar que este tipo de literatura aponta para uma determinada concepção de infância, desenvolvida ao longo do século XVIII, a partir da ascensão da burguesia. A criança passou a ser percebida como o ser do “devir”, ainda em formação, e que necessitava de ações educativas específicas. Diante disso, desde aproximadamente o século XVIII, o livro infantil “configurou-se como aliado deste projeto burguês de educação, preocupado com a perpetuação de valores e representações sociais” (SILVA, 2011, p. 37).

As pequenas histórias com estas características são constantes nas edições analisadas de *O Tico-Tico*. Diante disso, é possível vislumbrar o sistema de representação do ideal de infância que estava vinculado à Literatura Infantil à época. Estes contos, publicados pela revista, nos possibilitam entrever as experiências dessas crianças como leitoras. Os livros escritos apontavam

---

para uma preocupação com a formação dos cidadãos, que deveriam privilegiar determinados comportamentos.

Ao dissertar sobre as práticas de leitura e o leitor, ao longo da História, Roger Chartier pondera que, não podendo o historiador conhecer o passado tal qual ele se deu, só resta a ele observar, através das fontes, as mudanças ocorridas nos sistemas de representação (CHARTIER, 1999, p. 82). Dessa forma, não é possível assegurar, no caso dos livros infantis, que as crianças passavam a se comportar de forma exemplar. Todavia, esses padrões de comportamento eram valorizados nos personagens de livros e textos voltados para as crianças.

A análise dos contos enviados à publicação pelos jovens leitores se faz oportuna. Nessas histórias, as vozes das crianças se fazem presentes, e, com elas, podemos observar algumas maneiras como estas crianças se apropriaram dos discursos educativos e moralizantes veiculados pelos livros infantis do período. Contudo, também encontramos histórias que não seguiam essas características, nas quais as crianças se expressavam sem uma preocupação de construir personagens ou histórias exemplares.

Dentre os contos sem essa preocupação pedagógica, está o escrito pela menina Amanda de Toledo, de 12 anos. A história gira em torno da destruição de sua boneca preferida por um menino da vizinhança. Rompendo com outros contos, nos quais as crianças possuem um comportamento exemplar, a menina expõe sua reação, ao deparar-se com a situação mencionada:

(...) Quando chegamos, era já tarde. O cruel, com a boneca na mão, ria, inconsciente. Havia retorcido as pernas e os braços da pobrezita e agora procurava arrancar-lhe os olhos e os cabelos.

Loucas de raiva, eu e Laura caímos sobre o patife e demos-lhe tanta pancada que o bratinho deitou a correr para a casa, com o nariz esguichando sangue, num berreiro infernal (O TICO-TICO, 25/08/1909, p.20).

Neste conto, é possível vislumbrar a voz da criança sem que esta demonstre preocupação em atender àquilo que Sônia Salomão Khede chama de “Expectativas adultocêntricas” (KHEDE, 1986, p. 25). Com essa expressão, a autora se refere ao tipo de história ou, antes, de personagem que os adultos esperam que façam parte de um livro para crianças. No caso da Literatura Infantil do período aqui abordado, isto é, os primeiros anos do século XX, esperava-se, de maneira geral, que os contos infantis transmitissem valores morais (bondade, abnegação, obediência aos adultos, amor pelos estudos). Tais expectativas podem ser observadas tanto em contos escritos por adultos para elas (como o caso de *Através do Brasil*, de Olavo Bilac e Manuel de Bonfim, já citado), quanto nas histórias criadas por crianças e enviadas para *O Tico-Tico*.

---

Além de não se representar no conto como uma menina exemplar, a jovem autora também cria um desfecho para sua história que rompe com a maioria das histórias de leitores publicadas na revista. Ao longo das edições analisadas, percebemos que tanto as histórias publicadas pelos redatores (histórias ilustradas como as “Aventuras de Chiquinho”, “Contos Maravilhosos”), quanto aquelas enviadas por leitores, apresentam uma estrutura binária, maniqueísta. Assim, as personagens que possuem as qualidades esperadas são sempre recompensadas no final da história. Do mesmo modo, aqueles que agem de forma considerada errada, desonesta, fora dos padrões morais, são sempre castigados. No conto escrito pela menina Amanda, no entanto, há um rompimento com este padrão, como podemos observar no trecho a seguir:

Cinco minutos depois entra a mãe de Julio, a nos dirigir investidas. O negócio se complicava.

Mamãe, que ouvira a voz da vizinha, veio pedir-lhe explicações. Repreendeu-nos, prometeu castigar-me, o que não fez, graças a intervenção de Laura, que, debulhada em lágrimas, pediu-lhe que me desculpasse (O TICO-TICO, 25/08/1909, p.20).

No final da história, mesmo criando indisposições com a família vizinha por ter agredido o menino (o que a distanciava do modelo de criança e, sobretudo, de menina exemplar), a criança é perdoada. O castigo não se dá, segundo ela, pela interferência de uma amiguinha. As reflexões de Benjamin sobre a criança e o universo infantil se fazem oportunas. Segundo ele, a criança é também sujeito, capaz de se apropriar do mundo adulto, criando novas lógicas. Elas “estão menos empenhadas em reproduzir as obras dos adultos do que estabelecer uma relação nova (...) com esses restos e materiais residuais” (BENJAMIN, 2009, p. 58). A nosso ver, a criança parece apresentar a capacidade de subverter uma lógica habitual ou esperada pelos adultos e criar outra, que mais lhe agrada. A lógica mais comum dos contos apresentados é que um comportamento impróprio (neste caso, agredir o colega) deva ser castigado, o que não ocorre.

As histórias escritas por crianças e publicadas na revista não são fortuitas. Além de apontar uma estratégia de aproximação com o público leitor, vislumbra um projeto educativo, vinculado pelos editores da revista. Além disso, o espaço aberto ao público infantil nos permite analisar as maneiras de representação social das crianças leitoras da revista, bem como o tipo de literatura possivelmente lido por elas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Criada em um momento em que o Brasil tentava construir seu modelo republicano, a revista *O Tico-Tico* pode ser entendida como um periódico a serviço de um projeto social. Como bem nos

---

aponta Waldomiro Vergueiro, o “jornal da criança” trouxe entretenimento e lazer, mas ele “não o fez de maneira inocente, pois buscava formar um determinado tipo de cidadão e louvar um padrão de comportamento” (VERGUEIRO, 2008, p.23).

Enquanto a expansão da malha escolar consistia em uma preocupação social disseminada entre os discursos políticos e aqueles em circulação na imprensa, a revista constituía-se como espaço não formal de educação. Embora não formal, encontrava-se, de algum modo, próxima das novas ideias de formação dos cidadãos por meio da escolarização. Tal percepção vai ao encontro da afirmação de Zita Rosa, ao refletir sobre as intenções dos responsáveis pelo *O Tico-Tico* “em imprimir à publicação um caráter utilitário”, levando-os “a acalentar um projeto pedagógico atrelado à ideia de progresso” (ROSA, 2002, p. 108).

Ao lançar mão de estratégias editoriais como a aproximação com seus leitores, histórias ilustradas, contos clássicos, matérias pedagógicas, informações gerais e brincadeiras, *O Tico-Tico* apresentou, escamoteadas ou não, representações de pensamentos comuns em uma sociedade em transformação e em pleno processo de modernização. E, ainda, não se pode negar, veiculou hábitos moralizantes, condutas sociais “adequadas”, proporcionando um novo jeito de divertir, educar, civilizar...

## **FONTES CONSULTADAS**

### ***Periódicos:***

Correio de Minas, 1906.

O Imparcial, 1915.

O Malho, 1905.

O Tico-Tico, 1905-1910.

## **REFERÊNCIAS**

BELLO, Oliveira. *Imprensa Nacional: apontamentos históricos*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1908.

BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Editora 34, 2009.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, v.1, 1994.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

\_\_\_\_\_. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1999.

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentido. In: CHARTIER, Roger. *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

DARNTON, Robert. Uma história da leitura. In: BURKE, Peter. *A escrita da história: Novas Perspectivas*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

EL FAR, Alessandra. *O livro e a leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

---

GONÇALVES, Roberta Ferreira. *A escola disfarçada e brincadeiras: intelectuais e ideias na criação da revista O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: UERJ, 2011. 162f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Rio de Janeiro.

GONDRA, José Gonçalves; SCHUELER, Alessandra. *Educação, poder e sociedade no Império Brasileiro*. São Paulo: Cortez, 2008.

KHÈDE, Sonia Salomão. *Personagens da literatura infanto-juvenil*. São Paulo: Ática, 1990.

ROSA, Zita de Paula. *O Tico-Tico: meio século de ação recreativa e pedagógica*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

SILVA, Márcia Cabral da; MARTINS, Milena Ribeiro. Experiências de leitura no contexto escolar. In: PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON, Rildo (org.). *Literatura: ensino fundamental*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. p. 23-40. (Coleção Explorando o Ensino, v. 20).

SILVA, Márcia Cabral da. A circulação de textos literários entre crianças e jovens na sociedade contemporânea. *Revista FronteiraZ*, São Paulo, n. 6, abr.2011, p.1-11.

\_\_\_\_\_. *Infância e Literatura*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2011, p.20-39.

VARELA, Júlia; ALVAREZ-URIA, Fernando. Trad. LOURO, Guacira Lopes. *A maquinaria escolar*. Teoria e educação. 1992, p. 1-17.

VERGUEIRO, Waldomiro. O Tico-Tico: uma análise da primeira revista brasileira de histórias em quadrinhos. *Comunicação & Educação: maio/ago 2008, n.2, ano XIII, p.23-34*. Acesso em 20 abr.2015.

VILLELA, Heloisa. O mestre-escola e a professora. In: LOPES, Eliane Marta; FARIA FILHO, Luciano M.; VEIGA, Cynthia G. (orgs). *500 anos de Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. *Literatura Infantil Brasileira: História e Histórias*. São Paulo: Ática Editora; 2007.

## RESUMO

O início do século XX foi marcado por projetos que visavam à formação da identidade nacional e à construção da república brasileira. A imprensa também sofreu transformações, ampliando seu papel e abrangendo novas áreas, temáticas e funções, a fim de participar desse processo. Nesse lumiar, *O Tico-Tico* foi criado em 1905 com a proposta de atender *aos pequeninos, inocentes, simples*, fazendo dessas crianças o seu público leitor. Este artigo tem por objetivo analisar contos e poemas publicados nos cinco primeiros anos da publicação, observando suas mensagens e representações associadas ao lema de diversão, encantamento, mas, também, adequação social. Entender o papel de *O Tico-Tico* na formação de novos cidadãos requer analisar as estratégias de formação social, apresentadas pelo veículo na disseminação de textos que apresentam incitação moral, de conduta e bons hábitos.

**Palavras-chave:** Revista *O Tico-Tico*. Criança. Público-leitor. Lições de conduta.

## TO THE *INNOCENTE LITTLE ONES*: CHARM, FUN AND BEHAVIOUR LESSONS IN THE *O TICO-TICO* MAGAZINE (1905-1910).

### ABSTRACT

A noticeable characteristic from the early 20<sup>th</sup> century was the initiatives aimed at the creation of a national identity and the construction of the Brazilian Republic. The press also went through changes, expanding its role and covering new areas, in order to participate in this process. In this very beginning, , the *O Tico-Tico* magazine was created in 1905 endeavoring to meet the needs of the little ones, the "*innocentes*", the "*simples*" turning these children their primary readers. This paper aims to analyze short stories and poems published during the first five years of the magazine due to observing their messages and representations associated with their "fun and delight" motto. Comprehending the role of *O Tico-Tico* in the formation process of new citizens demands an analysis of the social training strategy presented by the periodical at the moment it disseminates yours texts that present moral incitement of conduct and proper habits.

**Keywords:** *O Tico-Tico* magazine. Children. Child readership.

*Submetido em: setembro de 2014*

*Aprovado em: março de 2015*